

# Destino incerto para residentes

Não é fácil passar no vestibular para Medicina. Não é fácil levar seis longos anos de estudos, dedicação absoluta. Não é fácil, depois de tudo isso, submeter-se a um prova rigorosíssima para ser aceito numa residência médica, que pode durar até cinco anos. Não é fácil, sobretudo, ser médico. Ainda mais no Brasil. Muito menos em hospitais públicos sucateados.

Mas eles – os profissionais de jaleco branco e estetoscópio pendurado no pescoço – resistem. E fazem da profissão um ideal. Mais que isso: um sacerdócio. É o caso do médico residente Danilo Silva Lima, de 25 anos. Aos 17 anos, ele era um adolescente entrando na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, em Salvador. Aos 23, tornou-se um jovem médico. Aos 25, ainda um jovem médico, encara o segundo e último ano da residência de Clínica Médica, no Hospital Regional de Taguatinga (HRT).

Danilo fez a opção por Brasília, depois de ser aprovado em residências em hospitais de referência de Belo Horizonte e São Paulo. “A Santa Casa, em Belo Horizonte, é o maior hospital que já conheci. São mil leitos, mas passava por uma séria desorganização e dificuldades financeiras. Era impossível fazer uma boa residência ali”, explica o residente.

E, em Brasília, Danilo foi para o HRT, hospital que passará por uma rigorosa vistoria do Ministério da Educação e pode perder o direito de formar novos médicos, caso não atenda às exigências da residência médica. O jovem médico deixou os pais, também médicos, e os dois irmãos em Salvador. Veio morar sozinho na capital da República. Aqui, sem nenhum parente ou conhecido, encarou a residência como o único vínculo que o prendia à cidade. “No primeiro ano, até pelo fato de não conhecer ninguém, ia para

o hospital mesmo que não estivesse de plantão. E seus colegas de residência acabam sendo sua família”, conta.

Hoje, encara 60 horas semanais e ganha, por isso, uma bolsa de R\$ 1,7 mil, já contando aí o auxílio-moradia. Chega ao HRT às 7h e nunca vai embora antes das 19h. Isso sem contar os plantões noturnos, duas vezes por semana. É uma vida de esforços e sacrifícios. “A Medicina evoluiu. É praticamente impossível um médico dominar bem o conhecimento, se ele não tiver uma residência”, avalia Danilo. E comenta o que percebe no meio em que vive: “Os médicos que não fazem residência vivem uma angústia enorme e quase sempre se sentem inferiorizados”.

É para lutar pela profissão e por sua escolha que Danilo quer terminar a residência, em janeiro. “Fiz medicina para exercê-la com dignidade e satisfação”.